

Pastore prevê que Brasil terá forte recessão econômica breve

SÃO PAULO — O ex-Presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, disse ontem que “a política monetária contracionista em vigor no País, que pode ser classificada como de “monetarismo atroz”, já está provocando o desaquecimento da demanda e criou condições técnicas para que o Brasil, em poucos meses, mergulhe em um forte processo de recessão econômica”.

Pastore afirmou que “a recessão só será evitada se houver um programa de ajuste interno que regularize o abastecimento, promova o crescimento das exportações, realize um aperto fiscal e monetário e proporcione maior flexibilidade às operações cambiais”.

Em palestra feita ontem no Instituto Brasileiro dos Executivos Financeiros, Pastore disse que se a produção ainda não caiu, existe um desaceleração no ritmo de crescimento, que já começa a “levar alguns setores da indústria ao desespero, como comprova a acentuada redução dos seus pedidos em carteira”.

— Ao contrário do que afirma o Governo, dizendo que não vai ao FMI para não promover a recessão, as medidas que vem adotando não

são expansionistas e isso pode ser comprovado com o aperto na liquidez, como forma de conter demanda, através das altas taxas de juros. Na prática, o Brasil parece estar disposto a promover a recessão por sua conta e risco” — ironizou.

De acordo com o economista, apesar da “calmaria aparente, estamos no olho do furacão e podemos ser levados por ele a qualquer momento, se o Governo não adotar urgentemente um programa econômico para combater as dificuldades enfrentadas”.

— Nossas reservas foram esgotadas para sustentar um crescimento artificial e para recompô-las precisamos além de dinheiro novo (empréstimos), de um superávit comercial de US\$ 8 bilhões. Para alcançarmos esse superávit necessitamos que as nossas exportações cresçam 60 por cento em relação à média do volume exportado nos últimos cinco meses.

No entender do ex-Presidente do Banco Central, o crescimento, do superávit comercial, em fevereiro, de US\$ 100 milhões para US\$ 240 milhões não é suficiente para que o País cheque aos US\$ 8 bilhões de que necessita. “Um fator inibidor é a so-

brevalorização do cruzado em relação ao dólar e às moedas européias. Isso tornou nossos preços sem condições de competir lá fora. E necessário portanto uma desvalorização da nossa moeda”.

Pastore advertiu para o fato de que a partir de dezembro do ano passado a inflação atingiu níveis superiores aos índices registrados nos meses que antecederam o Cruzado I, com o agravante que colabora para a recessão econômica.

— Houve uma mudança na característica da inflação que antes era de demanda e hoje já possui componentes de custos e propagação inercial, que, por si só, realimentam o processo inflacionário — argumentou.

Outro componente recessivo são as altas taxas de juros, que enxugaram a liquidez e inibiram o consumo. Há ainda o aumento da carga tributária, que reduziu substancialmente a renda disponível, contribuindo para o arrefecimento da demanda. Essas medidas, na opinião de Pastore, “têm o objetivo de evitar a hiperinflação mas isso não solucionará os problemas nem evitará a recessão” — concluiu.